

AUTORA BESTSELLER DE INSTINTO

ASHLEY AUDRAIN

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

RUMORES

«Ashley Audrain mergulha profundamente na vida secreta das mulheres nesta obra de suspense literário.»

PUBLISHERS WEEKLY



Para todas as mães que estejam presas por um fio.
E para todas as mulheres que tentam desesperadamente ser mães.

«O que eu sentia cada vez mais, no casamento e na maternidade,
era o facto de ser mulher e ser feminista serem duas coisas
diferentes e provavelmente irreconciliáveis.»

RACHEL CUSK, numa entrevista a
The Globe and Mail, Toronto, 2012

Levando dois dedos ao nariz, ele sente o cheiro da mãe da criança, enquanto os olhos se arregalam na penumbra da cozinha. O relógio do forno diz-lhe que são 0h03. O peito. Sente um enorme aperto. Estará a ter um ataque cardíaco? Será esta a sensação de um ataque cardíaco? Tem de se mexer. Percorre a passo o soalho de carvalho branco e toca em coisas: a alavanca da torradeira; o manípulo de aço inoxidável do frigorífico; as bananas perfumadas que amadurecem na fruteira. Anda à procura de familiaridade para conseguir assentar os pés na terra. Para poder voltar a si.

Um banho. Devia tomar um banho. Trepas pelas escadas como uma criança. Recusa olhar-se ao espelho da casa de banho.

Sente comichão. Coça-se.

Parece-lhe ouvir sirenes. Serão sirenes?

Torce o chuveiro e põe-se à escuta. Nada.

Cama, deveria, isso sim, estar na cama. É onde ele estaria se nada tivesse acontecido. Se fosse apenas mais uma quarta-feira à noite no mês de junho. Seca-se e coloca a toalha no gancho da porta, onde está sempre pendurada. Entretém-se a ver a forma como o tecido felpudo branco descai, ajeitando as pregas como se estivesse a decorar a montra de uma loja de retalho, com as mãos contorcidas num temor incógnito.

O telemóvel. Arrasta-se pela casa na penumbra à procura do sítio onde o terá pousado — o banco do corredor, a bancada da cozinha, a mesa ao fundo das escadas. O bolso do casaco, é lá que está, no chão, junto à porta das traseiras, onde

o deixou cair quando entrou em casa. Traz o telemóvel para cima, as pernas ainda fracas, e pára junto à porta do quarto, do lado de fora.

Não pode ficar lá dentro.

Vai dormir no quarto de hóspedes. Deita-se devagar na cama de casal, apreciando o esmero com que alisaram e dobraram os lençóis, e pousa o telemóvel ao seu lado. Mal consegue conter o impulso de lhe ligar.

O que lhe diria? Que sente a sua falta? Que precisa dela?

É tarde demais.

Mas, seja como for, fita o telemóvel, imaginando-se a ouvir a marcha constante do toque enquanto espera que ela atenda. A seguir fecha os olhos e vê novamente a criança.

Passado algum tempo, sente o colchão a tremer. Alguém se juntou a ele. Fica à espera de que lhe toquem. Mas não, é uma vibração. E a seguir outra vez. E mais outra vez. Há um raio de luz cor de tangerina que atravessa o quarto. Para atender, passa o polegar pelo reflexo do seu rosto alquebrado no ecrã do telemóvel.

O tom doloroso da voz dela. Já o ouviu antes.

— Aconteceu uma coisa horrível — diz ela.

Setembro

Logradouro dos Loverlys

Há algo de animalesco na forma como os adultos de meia-idade se avaliam enquanto simulam simpatia no logradouro da casa mais cara da rua. A multidão encaminha-se para os mais atraentes. Ali estão eles para passar uma tarde de convívio familiar em boa vizinhança, pelas crianças, que jogam um jogo paralelo, mas os homens escolheram sapatos bonitos e as mulheres usam acessórios nada adequados para o parque, e todos eles falam num tom de voz cuidado.

A refeição é servida. Há grandes baldes de aço com cerveja artesanal gelada e hambúrgueres pequenos em longos pratos de madeira e cones de papel a abarrotar de batatas fritas. Há sacos de biscoitos glaceados com o nome de cada uma das crianças, o celofane amarrado com uma grossa fita de cetim.

A vedação das traseiras está revestida de um renque de árvores maduras, plantadas recentemente, erguidas e colocadas com a ajuda de um guindaste. Não há sinais do desagradável beco contíguo, dos moradores das unidades de reabilitação a quatro quarteirões de distância, dos esgotos que transbordam quando chove. A relva é um admirável matiz de verde. Há um sistema de rega. O pátio de betão polido para o qual dá a cozinha está ancorado com canteiros de buxo cuidadosamente dispostos. Há um barracão que não é propriamente um barracão — a porta gira, há um sistema de iluminação adequado.

Três das crianças pertencem a este logradouro, à imponente moradia de três andares que foi construída no lote duplo, inédita num bairro urbano como este. Os gêmeos de três anos, um rapaz e uma rapariga, envergam uma anarruga a condizer e deixaram a mãe desta audaciosa moradia pentear-lhes o cabelo com esmero, puxando-o para trás, afagando-o com palmadinhas. O rapaz mais velho, com os seus dez anos, insiste em usar o equipamento de Educação Física do ano passado, com uma mancha na *t-shirt*. Chocolate quente ou sangue, os convidados irão interrogar-se. O marido de Whitney, porém, nos quinze minutos que antecederam o início da festa, convenceu-a a ponderar bem antes de se envolver em qualquer discussão.

Por volta das três e meia da tarde, pôs de lado o desejo de lhe arrancar a *t-shirt* de Educação Física, de o obrigar a vestir o polo azul-clarinho que comprou para a ocasião. Pôs de lado o *stress* da hospitalidade e aprecia a sensação de ver toda a gente a divertir-se. Já os impressionou a todos o suficiente. Apercebe-se disso pelos olhares, pelos dedos subtilmente apontados entre amigos que reparam nos detalhes nos quais esperava que reparassem. Pensa nas fotografias que vão arrasar nas redes sociais essa noite. O zumbido de vozes soa alto, entrecortado por risadas, e este ambiente de convívio sacia-a.

Este barulho é a razão pela qual Mara, a vizinha do lado, não vem. Recebeu o convite de cartolina grossa na sua caixa de correio no mês anterior, como toda a gente, e este foi direitinho para o caixote da reciclagem. Sabe que estes vizinhos não querem lá pessoas como ela e Alberto. Acham que ela já não tem nada para oferecer. As suas décadas de sabedoria não têm a mínima importância para aquelas mulheres, que andam por ali como se já soubessem da missa a metade. Mas não há problema. Consegue ver e ouvir tudo o que precisa através das ripas da

vedação, enquanto cuida do seu jardim, arrancando as pontas das ervas daninhas mais recentes até ficar com as costas doridas na região lombar, o que a obrigará a transferir-se para a cadeira do pátio, já mofada. Apercebe-se de algo nos ramos de pétalas quebradiças do seu arbusto de hortênsias. Dá-lhe um abanão. Um aviãozinho de papel cai na terra com a ponta virada para baixo. Mais um em que não reparou. Encontrou vários no seu logradouro na manhã de quinta-feira. Curva-se para o apanhar enquanto ouve a voz de Whitney a sobrepor-se à dos convidados, a cumprimentar o casal no outro lado da rua.

Esse casal, Rebecca e Ben, faz questão de ir ter com a anfitriã assim que chega. Têm vinte minutos e uma orquídea envasada para lhe oferecer. Rebecca tem de ir trabalhar. Ben tem de apaziguar Rebecca; caso contrário, teria ficado em casa. Mantém-se em silêncio, enquanto Rebecca e Whitney trocam cortesias. Whitney elogia e indaga, dá palmadinhas na mão de Rebecca e depois no ombro, e esta aceita. Está encantada de uma forma que não é habitual nela. Espera que ninguém interrompa.

Ben ainda vem com o cabelo húmido do banho e tem um cheiro matutino. Sente o olhar de Whitney a dirigir-se-lhe enquanto esta fala com a mulher dele. Tem a mão no bolso de trás das calças de ganga brancas de Rebecca. Puxa-a para junto de si. Rebecca pressente que o marido não está a ligar por aí além à conversa que decorre entre as duas, e não se engana. Está a observar o mágico a enrolar um lenço colorido num dos gémeos risonhos de Whitney, a menina, que deu com o olhar amigável de Ben. Este não é lá muito sociável com outros adultos, mas as crianças ficam sempre encantadas com ele. É o professor favorito. É o tio brincalhão. É o treinador de basebol.

Do outro lado do logradouro, Blair observa Ben e Rebecca a encontrarem formas subtis de se tocarem enquanto escutam a arenga de Whitney, como se ainda encontrassem um no outro tudo o que precisam. Não tiveram filhos, vivem sem filhos, por isso ainda não sofreram alterações irrevogáveis, ao contrário dos restantes. Falam um com o outro por meio de frases completas e articuladas com delicadeza. Provavelmente ainda dão a sua queca diária e desfrutam dela. Adormecem na mesma cama enrolados um no outro. Sem uma almofada enfiada entre eles a separar o lado da cama dela do dele, para imaginar que o outro não se encontra ali ao lado.

Blair observa a melhor amiga, Whitney, a começar a afastar-se enquanto se envolve com Rebecca, numa busca subtil de uma próxima conversa. Aiden, o homem barulhento que dorme do outro lado da almofada-barreira de Blair, aparece de repente no canto do logradouro. Tem público, tem sempre público. Está a desenvolver uma piada que ela já ouviu anteriormente; chamou a atenção de Whitney quando esta passou, e Blair já sabe, por muito que lhe custe, que vai ficar por sua conta. Procura Jacob, o marido de Whitney, que vê com um casal que ainda não lhe foi apresentado. Uma menina de tranças apertadas está enfiada entre as pernas da mãe. Jacob gesticula na direção da sua casa, desenhando a forma do telhado com o dedo, explicando uma parte do *design*. Veste a sua típica *t-shirt* preta e chinos da mesma cor enrolados nos tornozelos, sem meias, com uns ténis brancos impecáveis, de marca, o cabelo, as sobrancelhas, a armação dos óculos escandinavos, é tudo intenso e estiloso, mas ele é tão meigo. Ergue a mão na direção de Blair, olá. Ela fica corada, tem estado a olhá-lo fixamente. Ele é uma pessoa que atrai tais olhares. Os seus olhos procuram novamente a mulher dele.

Whitney está a falar com um grupo de mães de colegas do seu filho mais velho, do ano de Xavier. Têm um grupo de *chat* em que Whitney raramente intervém, pois não sabe as respostas às perguntas que fazem sobre o projeto do primeiro período e o menu do almoço e o prazo para encomendar fotografias da turma. Seja como for, gosta de fazer parte do grupo. Às vezes, intervém com um *emoji*, quando chega ao escritório de manhã cedo para desfrutar da sua terceira chávena de café quente e do prazer do silêncio e dos seus pensamentos. Polegares para cima. Coração vermelho. Obrigada pelas atualizações! Nada de útil, ligeiramente escarninho. Whitney sente agora a atenção das mulheres a segui-la enquanto vai dizendo olá aos maridos delas, que param de conversar e endireitam as costas ao cumprimentá-la.

Em vez disso, Blair chama a atenção de Rebecca, e agora é a sua vez de trocarem cortesias. A Blair, só lhe ocorre falar do tempo, sempre o raio do tempo, que as noites agora arrefecem tão cedo, e depois as horas extenuantes que Rebecca passa no hospital, onde tem de estar dentro de quarenta e cinco minutos. Rebecca, porém, adora aquelas horas extenuantes. As duas mulheres não têm nada em comum a não ser a sua proximidade. Rebecca funciona, em relação a Blair, como uma enciclopédia médica a pedido, respondendo a todas as SMS que esta envia sobre a nova erupção cutânea da filha ou a sua tosse estridente ou o prurido nos ouvidos ou o seu cocó acinzentado. O género de coisas que conseguem ocupar Blair durante dias. Blair tem curiosidade em saber qual será a sensação de ser tão determinada. De usar calças de ganga brancas num churrasco em família.

De poucos em poucos segundos, o olhar de Rebecca desliza até à filha de Blair, que tem sete anos. Não consegue deixar de olhar para ela. Imaginando como seria estar ali com uma filha sua. Deixa-se levar por esta versão do seu futuro, e esta estica-se cada vez mais, como o lenço do chapéu do mágico. A menina está a fazer desenhos com giz no betão do pátio com os gémeos, que esperam a sua vez com o coelho. As duas mulheres agora observam juntas a filha de Blair, cada uma delas fingindo estar mais divertida com as crianças do que está na realidade.

Whitney junta-se-lhes, com a sua bebida reabastecida, e Blair e Rebecca ganham vida. Pousa a mão no ombro de Blair e finge não se incomodar com as cores do giz que cobrem as palmas das mãos dos gémeos. Dão-se tão bem, comenta Whitney com a voz arrastada, a Chloe tem tanto jeito para os mais pequenos. Dá um passo discreto para trás, com receio de marcas de mãos cheias de giz no vestido.

Rebecca tenta imaginar como será estar interessada em fazer uma coisa daquelas, receber pessoas, mostrar a casa. Restam-lhe três minutos, e o seu cérebro irá percorrer todos aqueles cento e oitenta segundos, porque é assim que ele funciona. Também tece um comentário sobre a afabilidade de Chloe, enquanto os segundos vão passando.

«Encantadora» é a palavra que Rebecca usa. Blair sorri, minimiza a perfeição da sua única filha, mas fica moralizada de uma forma que só é possível com este tipo de comentário. Por mais superficial que seja.

A palavra «encantadora» faz com que Whitney se interogue onde pára o seu filho nada encantador. Não o vê no logradouro. Blair disse-lhe que o viu pela última vez há meia hora, junto à vedação de Mara, com a cara enfiada entre as ripas. Nunca está onde devia. Whitney recomendou-lhe que se portasse da melhor forma possível, que entretivesse as crianças mais pequenas, que fosse simpático. Só desta vez. Só por ela. Ele devia estar ali. O mágico está quase a terminar.

Talvez precise apenas de um momento sozinho. Blair profere estas palavras devagar, com a voz contida, interrogando-se se não deveria agir.

Mas não. Whitney há de encontrá-lo.

Porque será que ele não consegue fazer simplesmente o que ela lhe pediu? Que não consegue ser mais como a filha de Blair? Pensa nele sempre a fazer beicinho, quase de trombas, nas pessoas a perguntarem pelo motivo da má disposição, quando se trata apenas da sua aparência. Carrancudo. Taciturno. A precisar de um corte de cabelo com o qual não vai concordar. Apressa-se a percorrer a casa, chamando-o. A despensa. A sala de estar. A sala de jogos da cave. Não deveria ter de fazer uma coisa destas no meio de uma festa com cinquenta convidados no logradouro. Estará escondido? Ter-se-á apropriado do *iPad* novamente? *Xavier!* Porque será que ele tem de andar sempre a dar-lhe cabo da paciência? Sobe apressadamente ao terceiro andar e abre a porta do quarto do filho, e lá está ele, em cima da cama, rodeado dos sacos de biscoitos roubados, que se destinavam às crianças, já esvaziados. Todos eles. Tem chocolate no rosto e nos lençóis. Está a lamber a cobertura de um invólucro de biscoitos com o nome de outra criança.

— XAVIER! QUE PORRA É ESTA?! — Precipita-se sobre ele para lhe arrancar o celofane lambido das mãos, mas o rapaz grita e recua. — O QUE É QUE SE PASSA CONTIGO?

Xavier franze o rosto e faz beicinho como uma criança com metade da sua idade, e Whitney não vai permitir o gemido irritante que a seguir soará em crescendo, o gemido que lhe dá vontade de o esbofetear.

— NÃO! — grita, agarrando-o pelo braço enquanto ele choraminga e põe o corpo mole. Não tolera tal comportamento. — LEVANTA-TE, SEU MERDAS!

Mas a seguir solta-o. Por perceber que, lá em baixo, o murmúrio jovial diminuiu.

Fez-se silêncio na festa. Whitney só consegue ouvir o baque do seu coração furioso. E o repicar dos seus gritos peçonhentos e mortíferos. O eco familiar da sua raiva. Fica com receio do que possa ter acontecido. É então que se apercebe. A janela aberta. Toda a gente ouviu.

A vergonha impele-a para o chão. Para o ninho de fitas de cetim tiradas dos biscoitos, as extremidades cortantes como a ponta da língua de uma cobra.

Apercebe-se então do que perdeu.

Nove meses depois

1

Blair

Quinta-feira de manhã

São cinco e meia da manhã numa quinta-feira de junho. Blair Parks toma o seu café e pensa no marido a abrir as coxas de outra mulher como se fossem as asas de uma borboleta.

Imagina-o a cheirá-la. E depois a prová-la, com a língua a circular, a tremer.

Blair tapa a boca com a mão. Pousa a chávena.

Não consegue dormir. Mas é o que tem feito esta manhã, entregar-se a estes pensamentos obscenos. Não é nada bom começar o dia assim, mas ajuda-a a satisfazer a sua preocupação obsessiva para poder seguir em frente. Caso contrário, iria dar consigo consumida quando não o quisesse. A olhar para a prateleira de limpa-nódoas na loja, daqueles que aparecem nos anúncios que dessexualizam mães donas de casa de meia-idade como ela, enquanto imagina a boca de uma mulher mais jovem repleta de sémen do marido.

Enche uma segunda chávena que não sabe tão bem como a primeira e pensa no facto de estar ávida de algo mais. De quê exatamente, não sabe dizer. O problema não é apenas o tédio. Ou uma saudade melancólica. Não é o seu casamento sedativo de dez anos e o tiquetaque do relógio para completar a irrelevância. Será isto normal? Será o que sentem as outras mulheres da sua idade?

A ideia de exprimir alto e bom som o que quer que seja sobre isto, a quem quer que seja, dá-lhe um aperto no

diafragma. Mais do que o habitual. É melhor erguer o queixo e enfrentar silenciosamente qualquer hora que tenha pela frente. E a hora seguinte, para que ninguém suspeite que é tão infeliz. Já sabe que é benéfico para todos se reinar a indiferença. Se continuar a aguentar, sem a energia para se preocupar com aquilo que realmente pretende. Ou com o seu real estado de espírito quando o alarme toca pela manhã.

Já sabe que a vulnerabilidade é algo que deveria trabalhar, algo que as mulheres agora deveriam exercitar como se fosse um músculo. É o que lhes têm dito os livros e os *podcasts* e os oradores motivacionais. Tenta admirar as que admitem terem tomado opções de que se arrependem e que resolvem, alto e bom som, mudar. Esse tipo de agitação, porém, não é para si. Não vê outra vida para si própria. E não consegue afastar a vergonha de ter falhado redondamente. Após mais uma chávena, ouve-se um ranger de dobradiças no quarto da filha no andar de cima. Os seus passos ecoam no soalho do corredor. O autoclismo faz uma descarga na única casa de banho que têm, e as canalizações chiam pela casa. Blair passa a mão pelo rosto cansado.

A dada altura, tornou-se conveniente culpar Aiden pelo que sentia sobre a sua vida. Tem sido um depositário fiável da sua raiva. Ela despeja e volta a despejar, e ele parece nunca transbordar. Na sua forma de pensar, esta situação tinha poucas consequências — no seu caso, nem se punha a hipótese da separação. O desmantelamento, a alteração de todo o figurino da sua vida. A perceção. O impacto na filha que está no andar de cima. Nem consegue imaginar.

A água corre da torneira na casa de banho. Ouve Chloe a abrir o armário espelhado onde as suas três escovas de dentes partilham um copo. Põe um *bagel* na torradeira para o pequeno-almoço da filha. Já tirou o queijo cremoso do frigorífico, por isso está à temperatura ambiente, ao gosto de Chloe.

Atribuir a sua infelicidade a um casamento fraquinho ajudara-a a ir aguentando, até que, há uma semana e meia, encontrou um pedacinho de uma saqueta de papel de alumínio no bolso das calças de ganga de Aiden. Com menos de três centímetros quadrados. Lixo, para qualquer outra pessoa que o apanhasse do chão da lavandaria depois de virar as calças do avesso antes de as meter na máquina de lavar. Blair, porém, reconheceu as estrias do invólucro. E o tom de esmeralda. Era igualzinho aos preservativos que utilizavam há anos. Todas as manhãs, desde o dia em que o encontrou, abre a gaveta onde o guarda e coloca-o na palma da mão para se interrogar.

Poderia provir de inúmeras outras coisas. De uma barra de granola. De um rebuçado de mentol de um almoço de negócios.

Contudo, mais do que qualquer prova que tenha, é um pressentimento.

Uma vez ouvira chamar-lhes vozes — os momentos que tentam dizer-nos que *aqui há gato*. O problema é que algumas mulheres não escutam o que a sua vida tenta dizer-lhes. Não ouvem as vozes até fazerem uma retrospectiva da vida. Sendo apanhadas de surpresa. Ficando desesperadas em confronto com a verdade nua e crua.

Mas talvez esteja a ser paranoica e nada mais. Demasiado tempo disponível para pensar.

Ouve os passos de Chloe a chegar às escadas e espalha o queijo cremoso com cuidado. Vêm-lhe novamente à cabeça as coxas abertas. Os dedos de Aiden a abrirem os lábios apertados da mulher, recobertos de bálsamo. A forma meiga como a terá tratado depois. Talvez ela o faça rir. Blair fica com os pelos dos braços eriçados. Pensa novamente no facto de Aiden não ter ejaculado na única noite em que tiveram relações o mês passado. No facto de consultar o telemóvel com mais frequência do que é habitual.

Chloe está quase ao fundo das escadas. Blair fecha as coxas imaginárias e junta as duas metades do *bagel*. A seguir vira-se e obriga-se a sorrir, de modo que, como todas as outras manhãs da vida da filha, a primeira coisa que Chloe vê é o rosto radiante da mãe.

2

Rebecca

Algumas horas antes

O interno faz-lhe o ponto de situação enquanto atravessam apressadamente as portas duplas da sala de reanimação, com os ténis a chiar no chão de resina. Rebecca sente o ar húmido lá de fora antes de ver os paramédicos a empurrarem a maca para as mãos da sua equipa. Um rapaz de dez anos encontrado inconsciente às 23h50, suspeita de lesão cerebral primária devido a queda, sem sinais óbvios de trauma. A enfermeira recua quando Rebecca pega nas luvas azuis e se vira para levantar as pálpebras do paciente.

As suas mãos retrocedem. O rosto do rapaz. Rebecca olha para a enfermeira postada do outro lado do paciente.

— Eu conheço-o. Chama-se Xavier. Vive na casa em frente à minha.

— Quer que...

— Não. — Abana as pernas para recuperar a sensibilidade. A cortina está prestes a levantar-se. — Estou bem, estou bem. Sinais vitais? Vamos, vamos lá.

Tem as mãos firmes sobre o pequeno corpo do rapaz enquanto dá as suas instruções, e em breve a coreografia que executa há anos assume o controlo. Intubação traqueal. Punctão de veias. TAC requisitada imediatamente. Nunca fica muito tempo com uma criança na mesa de traumatologia, mas cada minuto é crucial e metódico, cada segundo espremido para se aproveitar ao máximo o seu potencial, e mesmo assim,

no final, quando se faz tudo o que pode ser feito, encara esses minutos como uma mera massa de tempo com um desfecho ou com o outro.

— Os pais estão cá? Onde é que estão? — Tira as luvas e atira-as para o caixote do lixo. Olha para trás, para o rosto cinzento de Xavier, para a sua boca amordaçada com o tubo que lhe introduziu. Puxa para trás uma madeixa do seu cabelo húmido. O chão onde aterrou ainda estaria molhado da chuva do dia anterior. Toca-lhe na face.

Nas cadeiras do hospital revestidas de vinil já se sentaram centenas de pais à sua espera. A facilidade com que consegue articular as palavras por vezes inquieta-a. Mas nunca tinha tido um paciente que conhecesse. Nunca os vira a lavar os carros dos vizinhos num monte de espuma, nem sabia que a bicicleta deles era azul-cobalto com guiador de punhos verde-néon. Nunca teve de dizer a um amigo que o filho poderá nunca vir a recuperar.

A sua adrenalina assenta quando sai da sala de traumatologia. Vê o reflexo da luz fluorescente no chão do corredor e começa a recuperar a perceção das coisas: o especialista de doenças respiratórias a receber uma mensagem no *pager*, o gemido de uma criança na sala de espera, o antisséptico que paira no ar. Tira o telemóvel do bolso. Tem vontade de ligar a Ben, para sentir a calma da sua voz, mas ele já deve estar a dormir. E Whitney está à espera dela.

Rebecca bate à porta aberta da salinha para onde a encaminharam. Está sentada a uma mesa redonda, a olhar fixamente para a caixa de lenços de papel ásperos que lhe deram. Não ergue o olhar.

— Whitney, sinto muito.

Whitney move a cabeça lentamente como um robô com falta de bateria. Não diz uma palavra. Rebecca senta-se ao

lado dela e toca-lhe. Costuma fazer isto, tocar no braço ou no ombro dos pais, para que as palavras que vai proferir a seguir pareçam mais pessoais, menos rotineiras. Este gesto, há alguns anos, fazia parte do conjunto de ordens emocionais que criou para si mesma. Nem sempre tivera facilidade em mostrar empatia como agora. Quando era mais jovem, mostrava-se mais capaz noutras áreas do trabalho, coisas que obedeciam a medições definitivas, avaliações da sua competência. Coisas que podia provar.

Whitney fecha os olhos ao abrir a boca, mas tem a voz embargada. Nem sabe como começar a articular as palavras.

— Podes dizer-me o que aconteceu?

Rebecca fica à espera de que ela repita o que os socorristas relataram: que, antes de se deitar, foi ao quarto dele ver se estava tudo em ordem e que a cama estava vazia e a janela aberta. Que olhou lá para baixo e o viu estendido na relva. Que não faz ideia do que terá acontecido. *Vá lá, Whitney, conta-me isso exatamente desta forma.*

Pensa no logradouro, no retângulo de relva bem cuidada do qual os paramédicos o teriam levantado. Rebecca esteve lá a última vez em setembro, para a festa do bairro.

Não tem vontade de pensar no acesso de raiva que Whitney teve naquela tarde. No pranto do miúdo que se ouvia através da janela do quarto enquanto a mãe berrava com ele.

— Quero falar contigo sobre o estado de saúde do Xavier. Whitney cobre o rosto com uma das mãos.

— Diz-me só se ele vai morrer. — A sua voz é um guincho numa oitava praticamente impercetível.

Rebecca pega na outra mão de Whitney. Tem os dedos frios e recolhidos num punho. Whitney puxa a mão para si, mas Rebecca aperta-a com firmeza até ela ceder. Rebecca não se deixa intimidar facilmente, mas havia alguma coisa de

diferente em Whitney quando se conheceram. A sua verve, o seu requinte, a astúcia das palavras quando falava.

Com o tempo, porém, à medida que as suas vidas iam orbitando calmamente à volta uma da outra, esse efeito acabou por desaparecer. Existe um forte sentimento de familiaridade para com alguém cuja vida partilha uma proximidade física tão estreita, atendendo a todas as coordenadas possíveis do planeta. Rebecca e Whitney respiram da mesma pequena bolsa de ar. Rebecca vê as latas no lixo de Whitney às quartas-feiras e sabe que eles não reciclam tudo o que poderiam. Sabe onde ela costuma fazer compras, vê as pilhas de encomendas em equilíbrio instável junto à porta da frente, boas lojas de retalho, encomendas depositadas por empresas de entregas para a ama recolher. Sabe que um deles — Whitney ou Jacob — não dorme bem. Vê as luzes da cozinha a acender quando chega a casa a meio da noite. Vê as garrafas de vinho vazias nos sacos de reciclagem azuis transparentes.

Os gritos de Whitney na festa do logradouro não são inéditos. Através daqueles enormes painéis de vidro na fachada da sua casa, chegava-lhe o tom inconfundível da voz de uma mãe que já tivera a sua dose. Deixavam Rebecca sempre inquieta, como durante o churrasco, envergonhada por a ter ouvido. Não sabe ao certo o que acontece mais naquela casa, mas esse tipo de especulação deixa-a constrangida. É médica, e o que lhe interessa são factos. Sente-se à vontade com factos.

— O Xavier tem uma lesão grave. Estamos preocupados com a cabeça dele. Está na UCI, em coma induzido, para descansar o cérebro. Não tarda nada vão falar contigo sobre o que podemos esperar, está bem? Em situações como esta, ficamos a saber muita coisa nas primeiras setenta e duas horas. Sei que isto é difícil de ouvir, Whitney, mas preciso que entendas que há uma possibilidade de ele não recuperar a consciência.

Whitney fica impassível.

Rebecca faz uma pausa para suavizar a voz.

— Estás a perceber?

Sente a mão de Whitney a começar a tremer e observa atentamente o seu rosto impressionante. O brilho firme da testa. As sobrancelhas micropigmentadas. A perfeição exterior.

— O Jacob está com os gémeos?

Whitney fecha os olhos e abana a cabeça.

— Está em Londres. Em serviço. A ama veio logo, mas tive de ficar à espera. — Tem a voz enrolada. — Não podia ir com ele na ambulância.

Rebecca diz a Whitney que vai levá-la para o ver agora, que ele está entubado, e há inchaço. Que poderá ficar assustada, mas que ele não sente dores. A partir desse momento, será outro médico a ocupar-se do caso. A porta abre-se atrás delas e Rebecca, ao virar-se, vê uma enfermeira com dois polícias.

Vão querer falar com Whitney, é uma questão de rotina. Rebecca sente-se constrangida com a situação, embora as perguntas que vão precisar de fazer não lhe digam respeito, pelo menos tecnicamente. Rebecca abana a cabeça na direção deles — *Por favor, agora não, ainda não* — e a enfermeira conduz os agentes em direção ao corredor.

— Há estudos que mostram que os pacientes neste estado sabem quando os familiares estão com eles. Podes pegar-lhe na mão e falar com ele, como se ele estivesse acordado. Está bem?

Whitney ergue-se e pega na bainha da sua camisola. Deixa Rebecca cingi-la com o seu braço forte e firme enquanto caminham pelo corredor. Até que Whitney fica rígida. Vira o rosto para Rebecca e os seus olhares cruzam-se pela primeira vez.

— É por isso que não tens filhos?

Rebecca faz uma pausa. Nem sabe o que dizer. Este trabalho? Este hospital? Este medo constante de que alguma coisa corra mal, a dor insuportável se isso acontecer?

Pensa nas horas que passou sobre o chão da casa de banho. Os orbes ensanguentados a afundarem-se nas sanitas, os fios de muco a balouçarem. O peso da toalha das mãos no colo a caminho do hospital.

Por que razão não tem filhos? Por não conseguir mantê-los vivos.

UM THRILLER PSICOLÓGICO TENSO E SOMBRIO QUE EXPLORA OS SACRIFÍCIOS SILENCIOSOS DA MATERNIDADE, AS INTUIÇÕES QUE SILENCIAMOS E O PERIGO DA INVEJA

Xavier, de dez anos, está em coma no hospital depois de ter caído da janela do seu quarto a meio da noite. A mãe, Whitney Loverly, só consegue ficar sentada junto à cama do filho no hospital, recusando-se a falar.

Os amigos e vizinhos estão em choque, e os rumores sobre o que poderá ter acontecido naquela terrível noite vão-se multiplicando: Terá sido acidente? Poderá Whitney, cujo acesso explosivo de raiva com Xavier todos testemunharam meses antes, ter sido de alguma forma responsável? Teria Xavier saltado propositadamente?

Os acontecimentos dos últimos meses são-nos contados pelas vozes das mulheres de quatro famílias do bairro dos Loverlys, à medida que são forçadas a enfrentar os segredos dentro das paredes das suas próprias casas e as verdades incómodas que as ligam umas às outras. E os rumores, que começaram por ser quase inaudíveis, tornam-se cada vez mais sonoros, revelando uma verdade devastadora que mudará a vida destas quatro mulheres para sempre.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897872983



9 789897 872983 >